

Palavras Permanentes

Episódio 2

[música Gal Costa]

Não sou mais tola, não mais me queixo
Não tenho medo, nem esperança
Nada do que fiz, por mais feliz
Está à altura do que há por fazer
Eu viveria tantas mortes
E morreria tantas vidas
E nunca mais me queixaria - Nunca mais

[Arnaldo Antunes] "o cabelo cresce porque cresce. Pelo cresce porque cresce. Grama cresce porque cresce. Planta cresce porque. O cabelo cresce porque cresce. Pelo cresce porque cresce. Grama cresce porque cresce. Planta cresce porque cresce"

[Risadas]

[AA] Esse é um poema mais construtivista, mais construtivista claro; tem essas "repetição" de uma forma com substituição, "cabelo - pelo" "grama-planta"; mas a sacada é essa forma que depois estende para aqui, né?! Você tem essa quebra, "porque cresce" sempre quebrada e aqui ele vai direto... "cresce planta cresce porque o cabelo cresce porque" [risos] "cresce" enfim, e ao final que sobra o "cresce porque cresce"

[som de páginas virando]

[AA] "Volve, volve, volve, volve..." Ele vai aumentando, né?! Essa forma aqui dentro, então ela vai focando..., aí ela dentro dela, aí ela..., chega uma hora em que ela se encontra, né?! Ela quase se encontra e aí ela volta para o começo e aí vem "desen" que é "desenvolve", o sentido oposto ao retrocesso, né?!

Eu sou um artista da palavra, e isso está dentro da maior parte do que eu produzo, enfim, eu posso até fazer um objeto sem palavras, mas, sempre tem alguma coisa de significação poética em jogo.

Eu cresci num período em que eu acho que tinha uma aproximação grande entre a música popular e a poesia. Então os poetas que eu admirava, ali os protagonistas do movimento da poesia concreta, já, num segundo momento, mais individualizada da obra do Augusto, Aroldo, Décio e tal, tinha uma aproximação com Caetano, Gil, as cenas da Tropicália. A gente via muitos poetas que também faziam canção, trabalhavam com letra de música. Na minha formação, misturaram se essas coisas, um pouco a coisa específica da literatura, um pouco a coisa da contracultura, onde entrava também a linguagem do Rock in Roll, que, de certa forma, me seduzia, me impulsionava, né?!

[Música]

*Que não é o que não pode ser que não é o que não pode ser que não é
O que não pode ser que não é o que não pode ser que não é*

[AA] "que não é o que não pode ser, que não é o que não pode ser, que não é o que não pode ser, o que não é, enfim você tem ali a letra da canção toda dentro de uma forma circular, então, no caso, a poesia visual veio como um desdobramento da canção.

Dependendo de onde você vai parando, você vai desdobrando esse modo em diferentes frases, com diferentes sentidos e tal, tudo em cima de um sentido meio vazio, a ser preenchido pelo ouvinte. E eu já... pô pertenci aos Titãs, que foi a minha escola dentro da música, em que eram oito compositores, éramos oito compositores, e todo mundo compunha com todo mundo, tinha muitas parcerias o tempo todo. E a música tem essa coisa de... eu tenho muitos parceiros, gosto de criar em parceria porque sempre a pessoa te traz uma informação que serve como chamariz, né?! Como faísca de uma coisa que eu não faria sozinho. Olha, a criação poética eu não diria que é tranquila, mas é muito prazerosa. Eu nunca associo para mim criação com dor, com algo doloroso. Pode ter dificuldade, mas é a dificuldade de encontrar a solução que é prazerosa. Eu, quando estou mais deprimido e tal, não consigo fazer nada. Quando eu estou criando é porque está bom. [Antonio Cicero] Eu tenho aqui... chamado "Palavras Aladas". É... é engraçado porque o Homero usava, falava às vezes de palavras aladas, em grego, né?! Era outra expressão, mas ele falava de palavras aladas. e, por muito tempo, algumas pessoas achavam que palavras aladas era palavras poéticas porque voavam e tal, né? Na verdade, não era esse o sentido dele. Ele dizia palavras aladas e eram palavras que voavam porque iam embora, eram palavras que não eram poemas. Os poemas eram as palavras que ficavam. As palavras aladas eram justamente as que não ficavam, **[risos]** entendeu? Porque ficavam aquelas que eram repetidas no poema, né, pelo poema. Eles não tinham escrito, na época de Homero, então o que ficava era o poema que se repetia sempre.

"Os juramentos que nos juramos entrelaçados naquela cama seriam traídos se lembrados hoje. Eram palavras aladas e faladas não para ficar, mas, encantadas, voar. Faziam parte das carícias que por lá soprámos: brisas afrodisíacas ao pé do ouvido, jamais contratos. Esqueçamo-las, pois, dentre os atos da língua, houve outros mais convincentes e ardentes sobre os lençóis. Que esses, em futuras noites, em vislumbres de lembranças, sempre nos deslumbrem. "

[Risos]

Eu digo sempre assim: que quando eu estou escrevendo poesia, o Cicero poeta está escrevendo. Se chegar o Cicero filósofo, o poeta se manda. **[risos]** Ele não aguenta o filósofo. E, se o filósofo estiver escrevendo, o poeta também nem chega perto. **[risos]** Esse é que é o problema... agora o que eu estou dizendo, eu estou dizendo isso porque, no momento, eu estou tentando terminar um livro de filosofia, então eu não tenho escrito poesia, mas eu estou louco para acabar porque, para mim, a poesia é melhor, é mais importante.

"Canção da Alma Caiada"

"Aprendi, desde criança, que é melhor me calar. E dançar conforme a dança do que jamais ousar. Mas, às vezes, pressinto que não me enquadro na lei: Minto sobre o que sinto e esqueço tudo o que sei. Só comigo ousar lutar sem me poder vencer: Tento afogar no mar o fogo em que quero arder. De dia, caio minh'alma. Só à noite, caio em mim. Por isso, me falta calma e vivo inquieto assim. "

[Música]

[Violão]

De dia, caio minha'alma. Só à noite, caio em mim. Por isso, me falta calma e vivo inquieto assim

[Violão]

[Antonio Cicero] Eu escrevi, sempre escrevi poemas e deixava lá. É aquela coisa, eu estava na fase em que eu escrevia, mas não publicava, e... e aí, escrevi umas coisas e tal, escrevi um poema chamado "Alma Caiada" de fato e fui para faculdade. Quando voltei, Marina tinha musicado esse poema, ela pegou lá nas minhas coisas e musicou **[risos]**. Eu fiquei meio "grilado". Ela disse que achou no chão, mas, de qualquer maneira, eu fiquei "grilado", mas depois adorei porque ficou bonito, ficou bacana. O processo de fazer um poema é diferente do processo de escrever uma letra de música, porque, quando eu recebo uma música de alguém, como um parceiro, uma parceira, eu sou influenciado, sou inspirado pela música. Segundo, eu levo em conta a pessoa que me deu aquilo. E terceiro, eu levo em conta a pessoa que vai cantar aquilo.

[Arnaldo Antunes] *E aí, gente! Cicero, você quer... tem preferência?*

[Antonio Cicero] Não, tanto faz!

[Cadeira arrastando]

[AA] Senta aí. Você senta perto dos meus livros e eu sento perto dos seus.

[Risadas]

[Suspiros]

[AC] Eu, no começo, quando era garoto, eu não gostava de poesia não, é... a primeira vez em que eu descobri mesmo foi quando eu estava numa aula de matemática e comecei a folhear. A aula estava chata, eu comecei a folhear uma antologia escolar e aí eu caí no "I-Juca Pirama" do Gonçalves Dias. E eu percebi o ritmo, comecei a ler aquilo... *"Tu choraste em presença da morte? Na presença de estranhos choraste? Não descende o covarde do forte: Pois choraste, meu filho não és."*

Ai, a maldição vai ficando cada vez pior...

[AA] É, o ritmo te pegou!

[AC] O ritmo, eu parei, eu pensei: isso é ritmo. Eu fiquei impressionadíssimo com aquilo. É como se, pela primeira vez, eu tivesse percebido uma qualidade da poesia que eu não percebia antes.

[AA] Eu nunca dissocie assim a paixão pela poesia da paixão pela música... As coisas me chegaram juntas assim. Eu, na verdade, adolescente, escutava Caetano, Gil, Mutantes, Luís Melodia...

[AC] Então, você é mais jovem do que eu, gostava de escutar Caetano...

[AA] Eu sou de 1960 e aquilo, Chico Buarque, aquilo tudo chegava para mim com a mesma naturalidade com que chegava...

[AC] Foi uma época incrível...

[AA] É, e... a coisa do ritmo que você falou do "I-Juca Pirama", eu senti uma coisa parecida com Camões, quando eu li os "Os Lusíadas", a primeira... Parece que, às vezes, você ia sendo levado por um ritmo. Às vezes, até independia de compreensão do significado, você era embalado por aquilo. E aí, nessa época, eu, adolescente ainda, musiquei um poema do Camões, que era um poema que dizia assim... um daqueles poemas líricos, mais curtos: *"Se se só de ver puramente me transformei no que vi, de vista tão excelente, mal poderei ser ausente, enquanto o não for de mi. Porque a alma namorada a traz tão bem debuxada e a memória tanto voa que, se a não vejo em pessoa, **"Vejo-a na alma pintada."***

É lindo, né?!

[AC] Eu achava que eu escrevia poesia, mas não tinha a ambição de ser poeta, porque essa... não é propriamente uma profissão, então, não...

[AA] Eu sentia a mesma coisa.

[AC] E até hoje eu fico com um pouco de vergonha de falar...

[Risadas]

[AC] Parece uma pretensão...

[AA] É uma atribuição que fazem a você, mas você mesmo se declarar poeta é um pouco estranho...

[AC] Para nós, é um elogio. Para muita gente, pode não ser, né?! As pessoas dizem: "ah, fulano é um poeta", quer dizer, é um "distraído", é um... "irresponsável"- mas, para nós, o poeta é um grande elogio. **[risos]** Você falar de si próprio "eu sou um poeta" ou "eu sou um filósofo" é difícil, mas sempre escrevi. Aí comecei, desde que era... que eu descobri que comecei a escrever coisas que eu achava que eram poemas, mas, a verdade é que... eu guardava aquelas coisas, não publicava. Era garoto, bem jovem. E depois acabaram se perdendo, o que tem até com aquele meu poema "Guardar", **[risos]** que as coisas que se guardam na gaveta, no cofre, se perdem.

"Guardar"

"Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la. Em cofre, não se guarda coisa alguma. Em cofre, perde-se a coisa à vista. Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado. Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela.

Por isso, melhor se guarda o voo de um pássaro

Do que um pássaro sem voo.

*Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,
por isso se declara e declama um poema:*

Para guardá-lo:

Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:

Guarde o que quer que guarda um poema:

Por isso, o lance do poema:

Por guardar-se o que se quer guardar."

[Música]

[AC] Demorou muito tempo. Para mim, foi uma coisa que demorou muito tempo até começar a publicar em periódicos, porque, antes de publicar poemas, eu fiz, publiquei, quer dizer, letras de músicas. A coisa da letra de música saiu antes para mim do que os poemas. Marina justamente pegou um poema meu que estava guardado numa gaveta e fez... e musicou. Foi a primeira coisa, né, a "Alma Caiada". Foi a partir daí que eu comecei a fazer letra, a partir daí, eu comecei a fazer o oposto, comecei fazer letra para as músicas que ela compunha. Então é... o que aconteceu foi que ela publicou antes, saiu o disco, né, antes, e eu fiquei mais conhecido logo imediatamente como letrista, embora eu tivesse escrevendo poesia há muito mais tempo. E aí demorei muito ainda para publicar livro. Só publiquei, naquela época, mais ou menos, não lembro quando foi que saiu o "Atlas", mas você me convidou para participar do Atlas porque você conhecia as minhas letras.

[AA] Era um soneto?

[AC] Era um soneto, na verdade.

[AA] Esse aqui é o poema do Cicero no Atlas, "Dita"

"Qualquer poema bom provém do amor narcísico. Sei bem do que estou falando porque os faço eu mesmo e uso a flor da pele das palavras, mesmo quando assino os heterônimos famosos: Catulo, Caetano, Safo ou Fernando.

Falo por todos. Somos fabulosos por sermos enquanto nos desejando.

Beijando o espelho d'água da linguagem, jamais tivemos mesmo outra mensagem, jamais adivinhando se a arte imita a vida ou se a incita ou se é bobagem: desejarmo-nos é a nossa desdita, pedindo-nos demais que seja dita."

[AC] Aquilo foi uma forma que, de certa maneira, eu usei que eu usei aquela forma, de fato, tradicional, mas sem nenhuma intenção de que aquilo...

[AA] Sem escolher aquilo a priori, né, aconteceu de ser **[risos]**

[AC] Surgiu, aconteceu. Eu fiz um primeiro, aí saiu um primeiro verso de tal maneira, (um) segundo e veio puxando, entendeu? Até para ter porque acredito, acho que é muito interessante, isso é uma tese minha, diz respeito ao que faço. Você deve até talvez... que, quando a gente se impõe regras, na verdade, não é só impõe regras, pode ser impor as regras tradicionais, como, por exemplo, as regras da construção de um soneto, mas também regras que você invente, né?! Você pode inventar: "eu quero fazer de tal..." a obrigação que a gente se dá de cumprir aquelas regras obriga, isso é minha tese, obriga a pensar mais, a ter... a evitar o que vem imediatamente. É uma coisa que João Cabral dizia, "às vezes, o que vem imediatamente, a gente pensa que é o mais autêntico e, na verdade, é uma coisa que a gente ouviu muito tempo atrás e esqueceu"

[Risadas]

[AC] Então, por isso, ele dizia que era bom se impor regras.

[AA] A própria coisa de colocar uma letra numa melodia é um pouco um exercício parecido com isso.

[AC] Não pode ser nada para facilitar, na verdade, essa é a questão. Tem que ser para complicar, não no sentido ruim, mas no sentido bom, de enriquecer, né?!

[AA] E para coisa visual, também, às vezes, como que eu vou decidir que é um poema visual, aquilo vem com determinado... com determinadas ideias, assim, estrutural, que você já intui que é para aquela direção.

[AC] A partir de certo ponto, eu tenho sempre enfatizado isso, a partir de certo ponto, quem manda é o poema, não é mais você. Você não está se exprimindo através do poema, o poema está usando você para dizer aquilo. A impressão que a gente tem é essa, parece um fetichismo da coisa, mas não é.

[AA] E, muitas vezes, a melhor solução não é uma ideia, é o que o som traz e aí você fala: "não, a ideia vem junto", é engraçado...

[AC] Vem junto o som, exatamente, o som, a... o ritmo sugere uma coisa, né?: "isso vai por ali".

[AA] Mas eu acho que tem muito isso de ser um trabalho corpo a corpo, braçal mesmo, com a linguagem. Não acredito na coisa assim...

[AC] Eu também não acredito em nada puramente conceitual não. Puramente assim conceitual não acredito não. Para poesia, pelo menos não, pode até ser para outra arte, não posso falar, mas para poesia, eu acho que tem que ter uma coisa de luta mesmo **[risos]** com a palavra, eu acredito nisso. Você está ali envolvido numa luta que... ah?! O poema de Drummond. A luta de Drummond diz isso, na verdade, né?! É uma luta que se transforma em amor e depois volta a ser luta. É uma maluquice.

[Voz de Arnaldo Antunes]

"Um fio do seu cabelo está na minha cabeça e não há nada que faça com que isso desaconteça."

[Voz de Antonio Cicero]

"Um fio do meu cabelo está na sua e não há nada que o substitua."

[Voz de Arnaldo Antunes]

"Nem o sol, nem a lua, nem a luz do pensamento mais intenso"

[Voz de Antonio Cicero]

"Que você pense, que eu penso."

[Risadas baixas]

[Arnaldo Antunes] Eu sempre vivi um pouco esse paradoxo né, de um disco que eu fiz ali vendeu muito, foi ouvido em rádio, não sei o quê... as pessoas cantam junto no show e tal. Aí um livro de poesia tem uma tiragem de se esgotar, tem uma tiragem de 3 mil exemplares

e é um sucesso enorme. **[Risadas]** Então, a poesia acho que é minoritário em qualquer lugar do mundo, e a música popular é... principalmente no Brasil, é um poder enorme, ela é muito poderosa como veiculação, né? E esse paradoxo tem um pouco de trazer um pouco de um universo para outro também, né, no meu trabalho e tal. Existe esse preconceito de que a literatura... a poesia estaria mais ligada à literatura, que é uma coisa realmente representativa da cultura, da alta cultura, enquanto que a canção popular é um negócio de entretenimento, de comunicação de massa e tal, e então, não teria o mesmo status, vamos dizer assim. E... e, na verdade, isso tudo é uma bobagem.

[AC] A canção pode ser superior a muitos poemas, se você for ver entra em um sebo e vai à seção de poesia. Milhões de livros de poesia e são quase tudo uma porcaria, não se comparam com a menos boa das canções de Caetano, por exemplo **[risos]**.

[AA] Mas, daí, isso vira pretexto para as pessoas dizerem: "ah, não tem diferença nenhuma". Na verdade, tem, claro que tem! Porque essa coisa indissociável, que acho que quanto melhor a letra de música, mais adequada ela é, é aquela melodia que está entoando, né?! E isso é um valor que você não tem num texto escrito.

[AC] Por isso que você tem que considerar a coisa como um todo, né?

[AA] Pois é!

[AC] Agora, eu acho que, de qualquer maneira, o fato é que alguns poemas, de fato, a grande parte da grande tradição, você tem que dedicar um certo tempo para ler, na verdade. Você não chega e ouve "en passant", você não pode apreciar "en passant" como aprecia "en passant" às vezes numa música, por exemplo.

[AA] Não pega nada se você não parar.

[AA] O poema, se você não parar e entrar no ritmo dele, muitas vezes, é uma porcaria, fica horrível. São diferentes experiências que exigem uma diferente dedicação em termos de tempo e de atenção, e é bom que haja isso, na minha opinião. Porque eu penso sempre que, quando você dedica tempo a isso, quando você realmente entra e dá tempo ao poema, o tempo de que ele precisa e você dá esse "fon" ao poema extraordinário, aquilo compensa amplamente, porque nem tudo pode estar na mesma temporalidade. Você entra numa outra temporalidade, você entra numa outra dimensão de ser, entendeu? Uma outra maneira de apreender as coisas. Isso é insubstituível, entendeu?!

[AA] *"O buraco de espelho está fechado, agora eu tenho que ficar aqui. Com um olho aberto, outro acordado no lado de lá, onde eu caí. Pro lado de cá, não tem acesso, mesmo que me chamem pelo nome, mesmo que admitam meu regresso, toda vez que eu vou, a porta some. A janela some na parede, a palavra de água se dissolve. Na palavra sede, a boca cede antes de falar e não se ouve. Já tentei dormir a noite inteira, quatro, cinco, seis da madrugada. Vou ficar ali, nessa cadeira. Uma orelha alerta, outra ligada. O buraco do espelho está fechado. Agora, eu tenho que ficar agora. Fui pelo abandono abandonado, aqui dentro do lado de fora."*

[AC] **[risos]** É uma beleza!

[AA] Você dá aulas, né, nesses cursos de poesia e tal, que é pra ensinar a ler poesia, não para fora, mas para dentro **[risos]** porque é com a voz de dentro. E isso é maravilhoso. Não é para ensinar a ler poesia, declamar.

[AC] Não é isso! Mas é justamente isso de dar à poesia o tempo que ela exige, e cada uma pede um tempo, né? E essas coisas têm que existir, têm que haver coisas assim, que estão em outra temporalidade. A gente não pode ficar reduzido a uma só, um só tempo, uma só dimensão das coisas, né, que, em geral, acaba sendo sempre a dimensão... o que domina mesmo é a dimensão prática, pragmática...

[AA] É, eu acho que é outro canal temporal e outro canal de sensibilidade mesmo.

[AC] De sensibilidade, que é importante que haja. Às vezes, fundem-se numa música popular as duas coisas, muito. Eu acho que, nas grandes coisas, fundem-se, e você, a cada vez que ouve, você entende mais aquela canção, e isso é uma coisa interessante.

[AA] Mas, eu acho que, mesmo os livros de poesia, eu costumo dizer isso, não são para serem lidos, não é um objeto que não é que você lê, você convive com ele, você volta a ele, assim como os grandes discos, que você ama a vida inteira, você volta a ouvir, né?

[AC] Exatamente. Um poema que você ama, aquilo, ele faz parte. Você está o tempo inteiro relendo e, a cada vez que você relê, ele é uma outra coisa **[risos]**. Isso é uma maravilha!

[AA] Interminável... Renasce, né?!

[AC] Renasce!

*"Não sou mais tolo, não mais me queixo:
enganassem-me mais, desenganassem-me mais
mais rápidas, mais vorazes e arrebatadoras.*

[AA] *Mais volúveis, mais voláteis,
mais aparecessem para mim e desaparecessem*

[AC] *Mais velassem, mais desvelassem, mais revelassem, mais re-
velassem, mais.*

[AA] *Eu viveria tantas mortes*

[AC] *Morreria tantas vidas*

[AA] *Jamais me queixaria*

[AA] *Jamais.*

[risadas]

[AA] Que maravilha!

[Música]